

Grupo do Rio
20 de dezembro de 1994

Declaração sobre "cláusula social"

O ressurgimento na Europa do debate sobre a chamada "cláusula social" aplicável ao comércio internacional está associado a um período de recessão e altas taxas de desemprego na região. Nesse sentido, longe de traduzir uma autêntica preocupação com as condições de trabalho nos países em desenvolvimento, ou até mesmo com a defesa universal dos Direitos Humanos, o ressurgimento desse tema parece visar ao estabelecimento de novas formas de protecionismo.

Os países do Grupo do Rio estão comprometidos com a melhoria de seus padrões sociais e trabalhistas, no contexto das reformas estruturais e da abertura comercial empreendidas nos últimos anos. Esse processo de crescimento econômico sustentado exige, *inter alia*, o aumento das importações, particularmente de bens de capital produzidos sobretudo nos países industrializados. A fim de poder pagar por tais importações e também servir sua dívida externa, os países em desenvolvimento precisam ampliar suas receitas de exportação.

Paradoxalmente, no entanto, as exportações européias para a América Latina duplicaram durante a última década, passando de 12 bilhões de ECUs para mais de 20 bilhões de ECUs, enquanto as exportações da América Latina para a Europa caíram de 29 bilhões de ECUs em 1985 para 19 bilhões de ECUs em 1993. Cabe assinalar que, pela primeira vez em 30 anos, a Europa inicia um ciclo superavitário comercial com a América Latina.

Além disso, os custos de produção dos bens exportados pela região, começando por seu componente salarial e seguido pelos tributários, energéticos e de transporte, apresentam forte tendência ao crescimento e à equiparação internacional. Há que ressaltar ainda a carga representada pelos custos financeiros, somados ao peso do serviço da dívida externa.

A eventual restrição às exportações de produtos originários dos países em desenvolvimento, com base em supostos critérios de cunho "social", além de alimentar iniciativas xenófobas, teria um efeito duplamente perverso: por um lado, ao prejudicar o progresso econômico de tais países, contribuiria para uma deterioração ainda maior das condições de vida de seus povos, comprometendo dessa forma os objetivos que a medida pretenderia atingir. Por outro lado, reduziria o volume das trocas internacionais, inclusive as vendas externas dos países industrializados.

Os países membros do Grupo do Rio que participaram da Rodada Uruguai consideram que o conceito de "cláusula social" contraria o espírito multilateral e liberalizante que norteou os sete anos de negociações realizadas no âmbito do GATT. Conseqüentemente, não concordam em que se faça referência ao assunto

no texto da Declaração Ministerial da Conferência de Marrakesh, tanto mais porque não compete àquele foro tomar decisões sobre matérias estranhas às acordadas durante a Rodada*

Além disso, o alto nível de sindicalização verificado nos países do Grupo do Rio e a elevada porcentagem de acordos internacionais sobre a matéria por eles ratificados e em vigência nas legislações nacionais, são clara demonstração de seu compromisso com o acordado sobre direitos sociais e trabalhistas em foros multilaterais especializados, onde devem ser mantidas as discussões sobre a matéria.

Os países membros do Grupo do Rio julgam que a inclusão de condicionalidades sociais ou trabalhistas no Sistema geral de Preferências seria contrária aos objetivos precípuos daquele mecanismo, voltado para a promoção do desenvolvimento. Pelos mesmos motivos, os países membros do Grupo do Rio consideram inaceitável a imposição de "cláusulas sociais" em suas relações comerciais.

À luz dessas considerações, está claro que, da mesma forma que os países do Grupo do Rio sustentam seu diálogo político sobre a base do respeito aos Direitos Humanos e da vigência das instituições democráticas, estão dispostos a continuar cumprindo as normas elementares que garantem o respeito à dignidade e à equidade social.

* * *

**GRUPO DE RÍO
20 de diciembre de 1994**

Declaración sobre la “Cláusula social”

El resurgimiento en Europa sobre la llamada “cláusula social” aplicable al comercio internacional, está asociado aun periodo de resección y a altas tasas de desempleo en la región. En este sentido, mas allá de traducir una auténtica preocupación con las condiciones de trabajo en los países de desarrollo o hasta mismo con la defensa universal de los Derechos Humanos, el resurgimiento de éste tema parece vislumbrar el establecimiento de nuevas formas de proteccionismo.

Los países de Grupo de Río están comprometidos con la mejora de sus padrones sociales y laborales, en el contexto de las reformas estructurales y de la apertura comercial emprendidos en los últimos años. Ese proceso de crecimiento económico sustentado exige, *inter alia*, y el aumento de las importaciones, particularmente de bienes de capital producidos sobre todo en los países industrializados. A fin de poder pagar por tales importaciones y también servir a su deuda externa, los países en desarrollo necesitan ampliar sus recetas de exportación.

Paradójicamente, en tanto, las exportaciones europeas a América Latina se duplicaron en la última década, pasando de doce mil millones de ECUs para más de veinte mil millones de ECUs, en tanto las exportaciones de América Latina a Europa cayeron de 29 mil millones de ECUs en 1985 a 19 mil millones de ECUs en 1993). Cabe señalar que, por primera vez en treinta años, Europa inicia un ciclo comercial de superávit con América Latina.

Además de eso, los costos de producción de los bienes exportados por la región, iniciando por su componente salarial y seguido por los tributarios, energéticos y de transporte, presentan fuerte tendencia al crecimiento y a la equiparación internacional. Todavía hay que resaltar la carga representada por los costos financieros, sumados al peso del servicio de la deuda externa.

La eventual restricción a las exportaciones de productos originarios de los países en desarrollo, con supuestos criterios de corte social, además de alimentar iniciativas xenóforas, tendrían un efecto doblemente perverso: por un lado, el deterioro todavía mayor de las condiciones de vida de sus pueblos, comprometiendo de esa forma los objetivos que pretendían alcanzar. Por otro, reduciría el volumen de los intercambios nacionales, inclusive las ventas externas de los países industrializados.

Los países miembros de Grupo de Río que participan en la Ronda Uruguay consideran que el concepto de la “cláusula social” es contrario al espíritu multilateral y liberal que guió los siete años de negociaciones realizadas en el

ámbito del GATT. Por consiguiente, no concuerdan en que se haga referencia al asunto en el texto de la Declaración Ministerial de la Conferencia de Marrakech, aún mas porque no compete a aquel foro tomar decisiones sobre materias diferentes a las acordadas durante la Ronda.

Además de eso, el alto nivel de sindicalismo verificado en los países de Grupo de Río y el elevado porcentaje de acuerdos internacionales sobre la materia por ellos ratificados y en vigencia de las legislaciones nacionales, son clara demostración de su compromiso con lo acordado sobre los derechos sociales y laborales en foros multilaterales especializados, donde deben mantenerse las discusiones sobre la materia.

Los países miembros del Grupo de Río juzgan que la inclusión de condiciones sociales o laborales en el Sistema General de Preferencias serían contrarias a los objetivos esenciales de aquel mecanismo, regresando a la promoción del desarrollo. Por los mismos motivos, los países miembros del Grupo de Río consideran inaceptable la imposición de "cláusulas sociales" en sus relaciones comerciales.

A la luz de esas consideraciones, está claro que de la misma forma que los países del Grupo de Río sustentan el diálogo político sobre la base del respeto de los Derechos Humanos y de la vigencia de las instituciones democráticas, están dispuestos a continuar cumpliendo las normas elementales que garantizan el respeto a la dignidad y a la equidad social.

* * *